

**Lígia
Amâncio:
o género
como ação
sobre o
mundo**

**JOÃO MANUEL DE OLIVEIRA
CONCEIÇÃO NOGUEIRA**

Edição

Centro de Investigação e de
Intervenção Social (CIS-IUL)/Lisboa

Âmbito

Linha temática Género,
Sexualidades e Interseccionalidade

Organização

João Manuel de Oliveira
Conceição Nogueira

Edição

2018

Design gráfico e paginação

vivóeusébio

ISBN

978-989-781-058-9

Impressão

Gráfica Maiadouro

Depósito Legal

450727/19

Financiado por

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons -
Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual - 4.0 Internacional

ÍNDICE

- 1 **Lígia Amâncio: o género como ação sobre o mundo** 7
João Manuel de Oliveira e Conceição Nogueira
- 2 **Lutos de Antígona**29
Jorge Correia Jesuíno
- 3 **Uma questão suspensa para um até já**59
Teresa Joaquim
- 4 **Tanto tempo, e ainda...**73
Maria do Céu da Cunha Rêgo
- 5 **A importância (e dificuldade) de ser pioneira: transformar o pessoal em político no trabalho científico** 87
Maria do Mar Pereira
- 6 **Mulheres que marcam os tempos – Lígia Amâncio**99
Manuela Tavares
- 7 **Quem quer ser apagada? Memória coletiva e assimetria simbólica** 111
Rosa Cabecinhas
- 8 **Uma foto, um percurso, um agradecimento** 135
Jorge Vala
- 9 **Um género de homenagem** 141
António Manuel Marques
- 10 **Tributo à Professora Lígia Amâncio** 155
Abílio Oliveira
- 11 **Ingresso na ciência e percurso nos estudos de género com Lígia Amâncio: uma homenagem pessoal** 169
Maria Helena Santos
- 12 **Assimetrias sociais reproduzidas nas organizações ou, como mulheres e homens jogam o género na arena organizacional**... 183
Fátima Rodrigues
- 13 **O estudo do género na gestão e o contributo de Amâncio: um relato pessoal**199
Emília Fernandes

**Ingresso na ciência
e percurso nos
estudos de gênero
com Lígia Amâncio:
uma homenagem
pessoal**

11 INGRESSO NA CIÊNCIA E PERCURSO NOS ESTUDOS DE GÊNERO COM LÍGIA AMÂNCIO: UMA HOMENAGEM PESSOAL

Maria Helena Santos

É uma enorme honra contribuir para esta obra dedicada à Professora Lúgia Amâncio, com quem tenho partilhado o meu caminho, já lá vão 18 anos. Porque já falei do nosso percurso de investigação noutra publicação (Santos, 2017), organizada recentemente pelo João Manuel de Oliveira e pela Lúgia Amâncio, aqui, irei fazê-lo num tom mais pessoal, evocando vários episódios marcantes ao longo da nossa relação.

Conheci a Lúgia Amâncio como aluna, em 1999, na Licenciatura em Psicologia Social e das Organizações, concretamente no Seminário sobre “*A Psicologia Social em Questão – Uma Introdução à Perspetiva Crítica*”. Portanto, foi já no terceiro ano da Licenciatura que, pela primeira vez, tive contacto com o género, muito centrado na reflexão crítica sobre o conhecimento científico produzido no âmbito central da psicologia social (PS). A Lúgia começou por apresentar o contexto de emergência

da PS e os aspetos teóricos e metodológicos que caracterizam esta disciplina científica para, em seguida, falar da perspectiva do construcionismo social, quer enquanto questionamento sobre a ciência, em geral, quer enquanto crítica dos aspetos específicos da PS, o que, para mim, constituía uma abordagem totalmente nova.

No último ano da Licenciatura tive a oportunidade de colaborar em estudos, realizados numa perspectiva de género, noutros seminários por si lecionados. Recordo-me de, pelo menos, dois estudos realizados no âmbito da disciplina “Áreas de Aplicação da Psicologia Social III”: um pequeno estudo teórico, realizado a partir do artigo da Alice Eagly e Wendy Wood, publicado em 1999 na *American Psychologist*, sobre “*The Origins of Sex Differences in Human Behavior: Evolved Dispositions Versus Social Roles*”, centrado na abordagem das teorias evolucionistas e socio-estruturalistas; e outro estudo teórico e empírico, onde replicámos um estudo do (agora) colega, António M. Marques, sobre “*‘O tipo ideal’: a diferente valorização que os homens e as mulheres fazem dos traços caracterizadores do parceiro e da parceira ideais*”. Estes constituíram duas excelentes experiências que contribuíram para me consciencializar para as assimetrias de género existentes na sociedade.

Na altura de escolher o tema da Licenciatura, recordo-me vagamente de me reunir com a Paula Castro no seu gabinete e, assim que referi que gostaria de estudar as representações sobre a doença dos homens e das mulheres, encaminhou-me para a Lúgia Amâncio, que seria, certamente, a pessoa ideal para me orientar. Entretanto, entre conversas e sugestões daqui e dali, acabei por optar por estudar o fenómeno da SIDA. Numa perspetiva interseccional, considerámos o género e a etnicidade face à SIDA, analisando, concretamente, os conhecimentos, crenças, atitudes e comportamentos de quatro grupos de adolescentes (rapazes e raparigas de origem portuguesa e africana) relativamente à sexualidade, ao VIH e à SIDA. Esta experiência inicial foi muito interessante e, pela primeira vez, considerei seguir a via da investigação, mas ainda sem grande convicção.

Mais tarde, a Lúgia Amâncio estava a iniciar um pequeno projeto de investigação sobre “*A igualdade injusta: uma abordagem psicossociológica das desigualdades de género*”, e convidou-me a colaborar nele. E foi assim que começou o meu percurso ao seu lado, com a “equipa de género”. O projeto tinha como objetivo geral aprofundar os obstáculos à mudança nas relações de género, considerando três profissões (a ciência, a medicina e a magistratura) e centrou-se particularmente nas teorias das representações sociais e da perceção de justiça, numa perspetiva de género. Aqui, foi evidente a relevância do nosso trabalho, pois pude constatar que se, na PS, os estudos sobre a equidade e, sobretudo, sobre a justiça surgiram já muito tarde, as investigações sobre a equidade e a justiça relativas ao género eram ainda mais escassas.

Nesta altura, juntas, decidimos que eu iria aproveitar a oportunidade para realizar um Mestrado em PSO no ISCTE. Por sua sugestão, e por razões contextuais, centrei-me na literatura do projeto sobre a igualdade injusta, embora virada para o problema da assimetria de género na política, as teorias da perceção da justiça, e as medidas de ação positiva, como as quotas, em torno das quais tinha havido um enorme debate público em 1998/99, com posições a favor e contra. Este era, sem dúvida, um tema que lhe era caro e rapidamente me passou o gosto e a curiosidade de procurar perceber a razão de tanta controvérsia em torno das quotas na política, nomeadamente, em Portugal. Por que seria que medidas deste tipo, que procuram promover a igualdade e repor uma justiça de tratamento (entre homens e mulheres, neste caso), causariam tanta controvérsia?

Bem a propósito, no primeiro ano letivo do Mestrado em PSO (2002/3003), a Lígia realizou um seminário, sobre “Género, Feminismo e Políticas para a Igualdade”, que serviu para consolidar ideias sobre o meu projeto de tese, em particular no que diz respeito às políticas promotoras da igualdade de género.

No final desse ano, a 22 novembro de 2002, apresentou-me a Patricia Roux, da Universidade de Lausanne, que tinha aproveitado a vinda ao ISCTE para participar num Seminário Internacional sobre “*Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas*”, organizado pela Associação Portuguesa de Sociologia (APS), e, no âmbito dos Estudos Pós-graduados em PSO, deu um seminário livre sobre “*Rapports de Genre et Perceptions de Justice*”, onde nos falou da existência de vários paradoxos (como é o caso do “efeito de minimização da discriminação pessoal”) que é importante considerar nos estudos de género.

Nós (eu e a Lígia Amâncio) também participámos numa mesa desse Seminário organizado pela APS, com uma comunicação oral centrada no “*Género e Etnicidade Face à Sexualidade e à SIDA: uma perspectiva psicossociológica*”, que acabou por ser publicada nas atas do evento.

Entretanto, o projeto sobre a igualdade injusta terminou e a Lígia Amâncio iniciou outro projeto “*Elites Discriminadas: uma abordagem interdisciplinar das desigualdades de género*”, no qual comecei a colaborar, como bolsista de investigação, em maio de 2003. Na linha da investigação iniciada no projeto anterior, o “*elites discriminadas*” pretendia aprofundar os conhecimentos sobre os obstáculos de ordem psicossociológica que permitissem esclarecer as contradições entre o grau de qualificação das mulheres e as suas oportunidades profissionais e de carreira, centrando-se nos mesmos contextos profissionais. No entanto, este projeto foi bastante mais além, integrando já uma investigação empírica que envolveu o recurso à triangulação entre os métodos qualitativo e quantitativo (através da realização de entrevistas individuais semiestruturadas e de um questionário) que permitiu melhor responder ao objetivo.

Durante o Mestrado em PSO, a Lígia incentivou-me a participar em várias formações suplementares que me permitiram crescer enquanto investigadora. Destaco, por exemplo, o curso de formação intensiva que ocorreu entre abril e maio de 2003, nas universidades de Lausanne e de Genève, na Suíça, realizado no quadro do *Diploma Europeu de Estudos Aprofundados em Psicologia Social*, e a 9ª e 10ª escolas de verão internacionais sobre Representações Sociais e Comunicação, realizadas em Genazzano, na Itália. Estas foram, sem dúvida, excelentes experiências e tempos de grandes aprendizagens, particularmente centradas nas representações sociais.

Por esta altura, as minhas expectativas relativamente à investigação começavam a crescer. A dinâmica da “equipa de género” era excelente e as nossas reuniões noturnas constituíam verdadeiras aulas, pelo menos para mim, que tinha uma enorme sede de conhecimento. Foram bons momentos estes, de grandes expectativas e sinergias. De tal forma que se tornou relativamente fácil realizar a tese de mestrado.

No início de 2004, foi publicado o livro “Aprender a ser Homem: construindo Masculinidades”, organizado pela Lúgia Amâncio, e para o qual convidou vários membros da equipa de género a contribuir. Pessoalmente, contribuí com um capítulo que resultou da minha tese de Licenciatura. Em julho desse ano, o nosso projeto chegou ao fim, eu defendi a tese de mestrado “Género e política: Uma análise psicossociológica das reacções às acções positivas” e retirei-me uns tempos por estar no final da gravidez da minha filha. A Lúgia foi, sem dúvida alguma, a principal “culpada” pela realização desta tese, em particular pelo enorme incentivo e apoio constantes. Foi pela sua mão, e desta forma, sempre muito ativa, que entrei para o mundo da ciência, fazendo nascer em mim uma maior segurança e, como disse na altura, “o bichinho de que poderei, de alguma forma, tentar mudar o estado das coisas, sobretudo, relativamente à situação das mulheres na sociedade”.

Recordo-me que, pouco tempo depois de a minha filha nascer, estava eu bem longe das questões ligadas à investigação, a Erika Apfelbaum veio ao ISCTE. Não querendo perder a oportunidade de lhe dar a conhecer o meu trabalho, a Lúgia sugeriu que realizássemos uma reunião extraordinária e eu aceitei o desafio com todo o gosto. Apresentei o meu trabalho, discutimos as metodologias e os resultados e foram-me dadas várias sugestões para trabalhos futuros, o que foi perfeito, numa altura em que já estávamos a pensar que eu iria seguir para o doutoramento.

E assim foi. Elaborámos o meu projeto de doutoramento, centrado na área do género e da política e inscrevi-me no Programa Doutoral em PSO, que comecei a frequentar no ano letivo de 2005/2006. Um dos vários seminários existentes no Programa Doutoral foi lecionado pela Lúgia, que nos falou sobre “Estudos de Género na PS” e me serviu para consolidar os conhecimentos sobre esta matéria.

Tudo corria lindamente... até que um dia a Lúgia agendou uma reunião para nos informar que tinha recebido um convite para ser vice-presidente da FCT e que decidi aceitar o desafio. Foi o silêncio generalizado. “O que nos iria acontecer sem a nossa ‘Mestra’ por perto?”, pensei.

Pessoalmente, devo admitir que foi um caminho diferente daquele que tinha idealizado, sobretudo considerando a dinâmica que tinha existido até àquela data. Com a partida da Lúgia para a FCT, a comunicação passou a ser feita quase exclusivamente por *email* e raramente nos víamos. No entanto, procurou nunca faltar aos seminários de pesquisa anuais, realizados no âmbito do Programa de Estudos Pós-graduados em PSO, apoiando-me sempre que apresentava os meus estudos. Também respondeu sempre aos meus convites para participar em eventos ligados ao género. Destaco o colóquio sobre “Género e Profissões: *Minorias no Feminino e no Masculino*”, realizado a 3 de maio de 2007, no ISCTE-IUL, que contou com a participação de duas dezenas de oradoras/es, especialistas nesta área, entre as/os quais a Lúgia e a feminista Madalena Barbosa, que, infelizmente, já não está entre nós.

Nos últimos tempos da minha tese de doutoramento, a Lúgia foi incansável entre leituras e releituras de um texto com mais de 300 páginas. Por “sorte”, no verão de 2010, torceu um pé e teve de ficar em casa de baixa durante uns tempos, o que lhe permitiu ter tempo para se dedicar à leitura da tese, que acabámos por designar por “Género e Política: *Factores explicativos das resistências à igualdade*”. Nesta fase, a sua orientação, apoio e incentivo e paciência foram fundamentais para eu conseguir finalizar a tese no final de 2010. A 17 março de 2011 defendi-a. Foi mais um degrau conquistado. Recordo-me que, no final da defesa, a Lúgia abraçou-me e sussurrou-me ao ouvido: “Bem-vinda, agora, já pertence ao grupo!”

No final desse ano foi publicado o meu primeiro livro, sonho que, estou certa, não teria conseguido sem a sua ajuda. De facto, para além de me ter orientado neste projeto, indicando-me a obra de Ana Maria Bettencourt e Margarida Silva Pereira, sobre “*Mulheres Políticas e as Suas Causas*”, que me serviu de inspiração, também redigiu um prefácio absolutamente perfeito. Designado “*Do Défice de Cidadania à Paridade Política: Testemunhos de Deputadas e Deputados*”, o lançamento do livro foi efetuado no dia 21 de julho de 2012 por si e pela deputada Elza Pais, que fizeram uma excelente apresentação.

Por esta altura, já tinha iniciado o meu projeto de pós-doutoramento há cinco meses, sob orientação da Patricia Roux e da Isabel Correia. Já lá vão mais de cinco anos. Os primeiros três anos passaram muito rápido entre o ISCTE-IUL e a Universidade de Lausanne, onde partilhava um grande gabinete com a Patricia Roux, permitindo-nos estar próximas e trabalhar bastante. Entretanto, a Isabel decidiu tirar um ano de sabática e a Patricia solicitou a reforma antecipada, como tal, não iriam estar disponíveis para orientarem o meu trabalho. Foi assim que, perto do final do primeiro triénio do pós-doutoramento, fui ter de novo com a Lúgia (que, entretanto, já tinha voltado para o ISCTE-IUL) que, prontamente, aceitou orientar-me no segundo triénio do pós-doutoramento.

E aqui estamos nós, juntas, até ao fim do seu percurso.

Obrigada por tudo, Professora!

Referências

Santos, Maria Helena (2017). Desigualdades de género em profissões qualificadas e resistências à mudança – Um percurso de investigação. In João Manuel de Oliveira & Lígia Amâncio (Eds.), *Géneros e sexualidades: interseções e tangentes* (pp. 55-72): Lisboa: ISCTE-IUL.